

SQUIB - POIS E POIS QUE SOB UMA PERSPECTIVA DIACRÔNICA: ALGUNS PROBLEMAS À PROCURA DE UMA RESPOSTA

Maria Luiza Braga (UFRJ/CNPq)¹ e Maria da Conceição de Paiva (UFRJ/CNPq)²

RESUMO

Neste squib, levantamos algumas questões relativas à aplicação do fator esquematicidade tal como proposto por Traugott e Trousdale (2013). A discussão se baseia na análise diacrônica das microconstruções causais/explicativas **pois** e **pois que**, ao longo dos séculos XIII a XXI. Mostramos que, concorrentes em diversos contextos, essas duas microconstruções trilham trajetórias opostas com o desuso de **pois que** no português do Brasil e aumento da frequência de **pois**, acarretando rearranjos na rede de conectores causais. Evidenciamos, ainda, a polissemia dessas microconstruções conectivas ao longo do tempo, o que leva a discutir a forma como esta questão poderia ser tratada por um modelo que investiga a mudança linguística a partir do conceito de construção.

PALAVRAS CHAVE: microconstruções **pois** e **pois que**, esquematicidade, polissemia

ABSTRACT:

In this squib, we raise some questions concerning the application of the factor schematicity as proposed by Traugott and Trousdale (2013). The discussion is based on the diachronic analysis of the causal micro constructions ‘*pois*’ and ‘*pois que*’ from the 13th to the 21st century. We show that, while competing in several contexts, these two connectors followed opposed paths with the disuse of ‘*pois que*’ in Brazilian Portuguese on the one hand increasing frequency of ‘*pois*’ on the other hand, causing rearrangements in the network of causal constructions. In addition, we show the polysemy of these two micro constructions over time, which leads to discuss how this issue could be included in a model that analyse language change based on the concept of construction.

KEYWORDS: micro constructions **pois** e **pois que**, schematicity, polysemy

1 Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

2 Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

1. INTRODUÇÃO

A emergência e desenvolvimento de conectores e locuções conjuntivas ocuparam um espaço importante nos estudos sobre gramaticalização (BARRETO, 1999; PAIVA, 2001; PEREIRA, BRAGA e PAIVA, 2010, entre muitos outros), fornecendo evidências robustas para a discussão de diversos princípios teóricos. Em propostas mais recentes que entendem a mudança em termos de criação de novos nós no interior de uma rede de construções associadas a outras já existentes, por similaridade formal e/ou semântica, a análise dos conectores pode ganhar um novo fôlego, pois permite não apenas uma nova interpretação de fatos já conhecidos como a verificação de novas hipóteses. Tal é o objetivo deste squib em que levantamos algumas questões concernentes ao fator esquematicidade, central no modelo de construcionalização, tal como proposto por Traugott e Trousdale (2013).

Focalizamos o percurso das microconstruções causais **pois** e **pois que**, que compartilham o uso da partícula latina POST (post > pos > pois) (SAID ALI, 2001 [1921], BARRETO, 1999; LIMA, 2002)³, ao longo da história do português. A partir de uma análise de diferentes textos dos séculos XIII ao século XXI⁴, mostramos o desenvolvimento destes dois elementos de conexão interoracional no domínio da causalidade, tanto do ponto de vista da sua frequência de ocorrência (seção 2) como da sua polifuncionalidade semântica (seção 3). A seguir, discutimos alguns problemas que se colocam para uma interpretação desta trajetória de acordo com o modelo teórico da construcionalização, com ênfase na esquematicidade (seção 4).

2. POIS E POIS QUE NO CURSO DO TEMPO

A análise diacrônica mostra a presença tanto de **pois** como de **pois que** já no século XIII (cf. também MATTOS e SILVA, 1989, 1999; LIMA, 2002) e aponta, ao longo do tempo, uma sutil instabilidade no subsistema de conectores causais, já atestada por nós também a propósito de outros elementos conectores, como os temporais (cf. BRAGA e PAIVA, 2012). Permite depreender, ainda, a multifuncionalidade categorial destes elementos (advérbio, conector e marcador discursivo) e uma superposição parcial entre eles no que se refere às relações semânticas instanciadas nos enunciados de que eles participam - tempo, causa pressuposta, explicação, conclusão. (cf. PAIVA e BRAGA, 2013).

A par de contextos que podem ser preenchidos apenas por **pois**, como se exemplifica em (1a) e (1b), observa-se grande número de ambientes semântico-discursivos que parecem admitir livremente as duas construções, como se ilustra em (2a) e (2b), (3a) e (3b), (4a) e (4b), (5a) e (5b):

3 O uso do termo *partícula* aqui segue a posição de Said Ali (2001 [1921]). Barreto (1999) e Lima (2002) admitem que *post* podia ser usado como preposição ou advérbio e que o primeiro uso teria antecedido o segundo.

4 Foram utilizados os seguintes textos: séc. XIII: Tempos dos preitos (TP), Textos notoriais (TN), Afonso X, Foro real (FR), Vida de Santos (VS); séc. XIV: Textos notariais em clíticos da história do português (CHP), Crônica geral de Espanha (CGE) e Vidas de Santos 1-7; séc. XV: Crônicas do Conde D. Pedro de Menezes (DPM) e Orto do esposo (OE); para o séc. XVI: Crônicas do rei de Bisnaga, Cartas de Dom João III; século XVII: Epanáforas de variada língua portuguesa (ELP), História do futuro (HF) Cartas familiares de F. M. Melo (FMM) e Cortes na aldeia e noites de inverno; séc. XVIII: Vaidade dos homens, Relação da vida e morte da serva de Deus, Cartas Marquesa de Alorna, Cartas comerciais e de administração pública do CILP; séc. XIX: Atas dos brasileiros, Memórias do Marquês de Alorna, Cartas dos leitores dos estados e cartas pessoais da base de dados CILP; séc. XX: Cartas de leitores publicadas nos jornais O Globo e Jornal do Brasil. Os textos foram obtidos nas seguintes bases de dados do CILP (Corpus Informatizado do Português Medieval), Corpus do Português, Tycho Brahe, Projeto para a História do Português Brasileiro e Amostra Midiática, do Grupo PEUL

Advérbio

(1a) E se no~ ouu(er) de que lho peytar, seya metudo en seu poder daq(ue)l (contra) que disse a falsidad(e) e s(er)uasse del ata que llo peyte todo muy ben e |se| o p(re)yto en que el testemonhou por diz(er) el que e' falso o testimonhyo no~ deue seer desfeyto, foras se podesse **poys** seer p(ro)uado p(er) boas testimonhas ou p(er) boo scripto. E todo ome q(ue) (co)ru~p(er) out(ro) por rrogo ou por algu q(ue) lhy de~ ou q(ue) lhy p(ro)metan ou por alguu engano en guysa q(ue) lhy faça diz(er) falso testimoio, [o] q(ue) o (co)ru~peu por diz(er) falsidad(e) e o q(ue) a disse, aia~ ambos a pe~a dos falssos. (Século XIII, Afonso X, Foro real)

Conector conclusivo

(1b) Dizem que as Espanhas som duas por que se partem em duas partes, e esto por o movymto e corrimento das chuyvas e dos ryos; **pois** dizemos que hu~a Espanha he ao sol levante e a outra ao poente. (Séc. XIV, Crônica geral de Espanha)

Conector temporal

(2a) ...molheres cu~ q(ue~) casare~ ou cu~ q(ue~) iouuere~, [e] erde~ os filhos como e' suso dicto. E **poys** o bispo do logar ou os alcaides soubere~ tal feyto, logo o faça~ a ssab(er) a al rey e o q(ue) o non fez(er) p(ey)t(e) a al rey #V m(a)r(auidi (Sec. XIII, Afonso X, Foro real)

(2b) E por esso stabellecem(os) que todo ome que entender e soub(er) alguu erro q(ue) faça el rey, digao en puridad(e). E se el rey o quer enme~dar est be~, se tanto no~, calesse en guisa que outro ome no~no sabya. E se dout(ra) guisa o fez(er), se for fidalgo ou d'ordi~ ou clerigo, **poys que** for sabudo, p(er)ça a meyadade d(e) quanto ouuer e el rey faça ende como quiser e el seya deytado do reyno, (...) (Séc. XIII, Afonso X, Foro real)

Causa Pressuposta

(3a) Duarte Coelho me dise a muyto bõa vomtade e obras que achara no duque de Nemurs, irmão do duque de Saboya, meu muyto amado e preçado irmão, pera as cousas de meu serviço, e muyto bõo fora tardes levado carta para elle. E porem, **pois** a nam levastees, aguora volla mando na forma que a mamdaeis pedyr. (Séc. XVI, Cartas de D. João III)

(3b) Onde diz Ygnocencio: Qual he mais va~a~ cousa que pentear os cabellos e apranar a cabeladura e hu~tar as faces e lauar o rrostro e estirar as sobrancellas, **pois que** certame~te me~tirosa e e~ganossa he a graça e va~a~ he a fremusura. (Séc. XV, Orto do Esposo)

Causa/explicação

(4a) porque era visto, que em quanto corria por sua conta, a voz de aquelle Povo, elles não podião prometer algũa cousa, sem seu comum consentimento; **pois** a natureza mostra, que quando a voz articula a caso, algũa palavra, sem consulta do interior, ella he vam, e infructifera. (Sec. XVII, Epanáforas de variada língua portuguesa)

(4b) Asua carregação deque fez mercê consignarme, seacha por Vender: **pois que** adescarga tem sido demorada (Sec. XVIII, Cartas administrativas)

Marcador discursivo

(5a) Espanha sobre todas he adiantada em grandeza e mais que todas preçada por lealdade. **pois** qual seerya aquelle grande principe ou senhor de grande poder ou muy forte baron que no~ fosse contento de seer senhor de tal terra? (Sec. XIV, Crônica geral de Espanha)

(5b) Verdade é esta tão provada, que não necessita de outra prova mais que aquele conhecimento e fé que temos, de ser maior a vida do espírito que a da carne. **pois que** disséramos, se, como consideramos a dignidade da decisão, consideramos a utilidade do exemplo? Porque certamente êsse obra muito mais que como homem, que, havendo aproveitado aos homens com que vive, deixa remédio para os que hão de viver depois dele. Esse parece mais que homem mortal, que escreve leis, dá conselhos, mostra exemplos à immortalidade. (Sec. XVII, Epanáforas de variada língua portuguesa)

A variação ilustrada pelos exemplos apresentados acima pode ser abordada sob várias perspectivas. Os casos de possível alternância entre os dois conectores, exemplificados em (2a) e (2b), (3a) e (3b), (4a) e (4b), encontrariam explicações mais adequadas nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. De acordo com este viés teórico metodológico, **pois** e **pois que** seriam equivalentes semanticamente e integrariam um sistema mais abrangente de construções capazes de expressar ou a relação de tempo ou a relação de causa *lato senso*. A ocorrência de uma variante em detrimento de outra se correlaciona a fatores gramaticais, discursivo-funcionais ou de registro e está encaixada no sistema linguístico (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1972, 1994). Ainda de acordo com este modelo teórico, o sistema é inerentemente instável, sujeito ao constante surgimento ou desaparecimento de construções, como é o caso da expressão das relações semânticas entre orações. Esses movimentos levam à coexistência sincrônica (variação) entre duas ou mais construções que “fazem quase que o mesmo trabalho gramatical.” como lembra Bybee (2015, p. 172).

Considerando a relação causal em termos mais amplos, **pois** e **pois que** coexistem com outras formas “competidoras” de “idade distinta”. Algumas delas remontam ao Latim (por exemplo, **como**), outras estão presentes no português desde o seu primórdio (**porque**, **car**, **por + infinitivo**, **posto que**, **que**, **tanto que**, **porém/porende** e, ainda, os sintagmas preposicionais como **em razão de** e **por causa**

de) (cf. BARRETO, op. cit. PAIVA e BRAGA, 2011; OLIVEIRA, 2016) e outras que surgem mais recentemente (como as micro construções **já que** e **por conta de**). Como já propugnado por Weinreich, Labov e Herzog (op. cit.), uma mudança no sistema pode provocar movimentos em cadeia, resultando em novos movimentos ou rearranjos na rede de microconstruções já existentes. (cf. também LABOV, 1994; BYBEE, 2015). Então é possível prever que alterações no paradigma de conectores, ao longo de diferentes sincronias, tenha repercussões não apenas no paradigma da causalidade, como também nos paradigmas associados a outros domínios funcionais como o de tempo e o de contração.

Como em qualquer outro caso de possível mudança, a competição/variação entre as construções causais não é inteiramente equilibrada, uma vez que algumas delas são nitidamente mais frequentes do que outras. No caso específico de **pois** e **pois que**, observa-se no curso do tempo acentuada diferença de frequência *token*, com clara predominância de **pois** em detrimento de **pois que**, em todos os períodos do português.

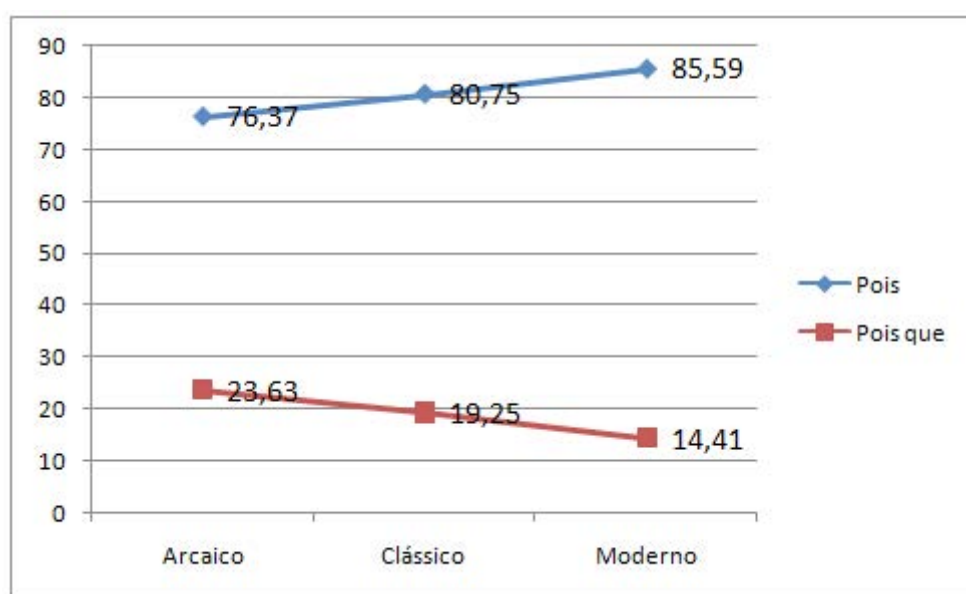


Gráfico 1: Frequência das microconstruções **pois** e **pois que** ao longo do tempo

A distribuição mostrada no gráfico 1 obscurece alguns aspectos importantes na possibilidade de competição entre os dois conectores, por desconsiderar o tipo de relação causal expressa no enunciado formado por orações encabeçadas por **pois** ou **pois que** (cf. PAIVA e BRAGA, 2013a, 2013b). Ela apenas deixa clara a direcionalidade contrária dos dois conectores: enquanto o uso do conector **pois** aumenta gradualmente, o uso de **pois que** decresce de forma menos progressiva, com índice bastante baixo no português moderno/contemporâneo. A ressaltar que uma análise por século permite atestar que a competição entre **pois** e **pois que** se mantém, de fato, até o século XIX: não são mais atestadas ocorrências de **pois que**, na variedade utilizada no Brasil no século XX. O aumento de emprego de **pois**, por outro lado, é impulsionado já desde o século XV, quando o número de ocorrências é triplicado em relação ao do século anterior.⁵

5

O total de dados para **pois** salta de 11 ocorrências, no século XV, para 33 ocorrências, no século XVI.

3. A MULTIFUNCIONALIDADE SEMÂNTICA DE *POIS* E *POIS QUE*

Como ilustrado no início da seção anterior, nos enunciados formados por orações introduzidas por **pois** e **pois que** podem emergir diversas relações semânticas: tempo (ex. 2a e 2b), causa pressuposta (3a e 3b) e explicação (ex. 4a e 4 b). Esta polifuncionalidade semântica parece se explicar pelo que Goldberg (1995), Traugott e Trousdale (2013) caracterizam como *links* baseados em relações metafóricas e relações polissêmicas. As primeiras dizem respeito à reinterpretação de elementos associados ao domínio de tempo como elementos no domínio da causalidade (*tempo* → *causa*), o que se justifica pelo próprio pressuposto de sequencialidade temporal subjacente à noção de causalidade. De acordo com este princípio, se um estado de coisas A precede um estado de coisas B, B pode ser interpretado como uma consequência de A. (GIVÓN 1978; PAIVA, 1991, 1996; DIESSEL, 2005). Desta forma, uma relação temporal é, pelo menos em princípio, candidata a uma relação causal.

As relações polissêmicas, por sua vez, dizem respeito às subespecificações no domínio da causalidade *lato senso* que identificamos neste estudo como causa pressuposta, explicação/justificativa e conclusão/resultado. É necessário esclarecer que a distinção entre causa pressuposta e explicação, aqui considerada para efeitos de maior detalhamento da trajetória das duas microconstruções é de natureza discursivo-pragmática e se baseia no tipo de informação expressa pela oração causal. As orações introduzidas por **pois que** transmitem informação dada/compartilhada, o que se reflete, inclusive, na sua tendência a se anteporem à oração nuclear com que se ligam (exemplo 6a); as orações introduzidas por **pois**, por sua vez, expressam informação não compartilhada/nova e tendem a ser, mais frequentemente, pospostas à oração nuclear (exemplo 6b).

(6a) Tod'omen q(ue) eniectar alguu menio e no~ ouu(er) q(ue~) lho tome e morreu, o q(ue) endeytou moyra pore~. Ca **poys q(ue)** el fez cousa p(er) q(ue) morresse, tanto e' coma se o [matasse]. (Séc. XIII, Afonso X- Foro real)

(6b) A mi me custará pouca, ou nenhũa pena, sua averiguação, tanto pella noticia, e memoria que de tudo tenho, como pello tempo que me sobeja, assaz habilitado para cuidar em trabalhos alheyos, pello exercicio dos meus proprios. Nem eu a estes que escrevo porei falso nome, quando tambem disser, que são meus, **pois** nelles tive tanta parte, como esta Relação mostrará adiante. (Sec. XVII, Epanáforas de variada língua portuguesa)

Esta distinção se superpõe, pelo menos em parte, ao domínio em que opera a relação de causalidade. De acordo com Sweetser (1990), Dancyeger e Sweetser (2004), Paiva (1996), a relação causal pode ser estabelecida no domínio referencial, envolvendo fatos (eventos, estados, atividades); no domínio epistêmico, em que o conector introduz orações que apresentam uma evidência tomada como base para uma conclusão, e no domínio dos atos de fala diretivos, em que a oração encabeçada pelo conector opera como uma justificativa atenuadora do ato de fala realizado. Como já atestado em Paiva

e Braga (2013a, 2013 b), as primeiras ocorrências de **pois** e **pois que** no português realizavam, mais frequentemente, relações no domínio dos atos de fala diretivos, introduzindo orações que realizam uma justificativa, ou no domínio epistêmico, encabeçando orações que apresentam uma evidência.⁶

Cada uma das interpretações possíveis dos enunciados constituídos por **pois** ou **pois que** depende tanto da co-ocorrência de traços morfossintáticos dos segmentos causa e efeito como de traços semântico-pragmáticos do enunciado e do contexto pragmático mais abrangente. Assim, as orações com acepção temporal eram, não marcadamente, antepostas, construídas com forma verbal no futuro do subjuntivo e ligavam-se, mais frequentemente, a um segmento discursivo que realiza um ato de fala diretivo, como no exemplo (7):

(7) E por esso stabellecem(os) que todo ome que entender e soub(er) alguu erro q(ue) faça el rey, digao en puridad(e). E se el rey o quer enme~dar est be~, se tanto no~, calesse en guisa que outro ome no~no sabya. E se dout(ra) guisa o fez(er), se for fidalgo ou d'ordi~ ou clerigo, **poys que for sabudo**, p(er)ça a meyadade d(e) quanto ouuer e el rey faça ende como quiser e el seya deytado do reyno, ... (Séc. VIII, Afonso X- Foro Real)

Os enunciados em que as orações com **pois** ou **pois que** expressam uma causa pressuposta ou uma explicação, por sua vez, apresentam outra configuração morfossintática, com predominância de formas verbais imperfectivas, sejam as de pretérito imperfeito sejam as de presente.⁷ Além disto, ocorrem numa gama mais ampla de contextos, podendo se ligar a um ato de fala diretivo ou assertivo.

(8) E o senh(ur) no~ lha possa tolh(er) p(er)o que non lha rende ne~ alquij nomeadamente, ca ben semella que ambos quisero~ estar enaq(ue)l p(re)yto por out(ro) ano, **poys q(ue) o dono no~ lha tomou ao p(ra)zo nen el non lla leyxou**, (Séc. XIII, Afonso X Foro Real)

Tanto a polifuncionalidade categorial como a polissemia de **pois** e **pois que** se reduz ao longo do tempo. O uso como advérbio, já bastante escasso no português arcaico, desaparece completamente, por volta do século XVI. No que se refere ao uso como conector, há evidência acerca de uma especialização funcional de cada uma das formas em foco (cf. também BRAGA e PAIVA, 2013a, 2013b).

A análise diacrônica mostra uma redução no espectro de funções associadas às microconstruções **pois** e **pois que**. Destacam-se:

a- a relação temporal, expressa quase que exclusivamente por **pois que** e muito rarefeitamente atestada para **pois**, se concentra no período arcaico, desaparecendo já no período clássico;

6 Apenas no português moderno, são atestados alguns casos de **pois** para a realização de causa estrita, ou seja, no domínio do conteúdo.
7 Foram consideradas apenas as ocorrências de presente do indicativo com valor reiterativo.

- b- o uso de **pois** para a expressão de uma causa pressuposta vai, gradativamente, se reduzindo ao longo do tempo e dá lugar à sua expansão para a introdução de explicação;
- c- a tendência mais uniforme é o crescente emprego dos dois conectores em enunciados explicativos, mais regular para **pois** do que para **pois que**.

Na seção seguinte, discutimos a forma como os fatos resumidos até aqui poderiam ser interpretados de acordo com o fator esquematicidade.

4. A QUESTÃO DA ESQUEMATICIDADE

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não linguísticas. Da perspectiva que nos interessa, a das categorias linguísticas, é uma abstração, semanticamente geral, a que se chega a partir de conjuntos de construções que os usuários da língua percebem, de uma forma não necessariamente consciente, que estão intimamente relacionadas na rede construcional. Os esquemas linguísticos, mais abstratos e gerais, são instanciados por subesquemas que licenciam microconstruções⁸. No uso, as microconstruções se manifestam por construtos, que são *tokens* atestados empiricamente. O construto é o *locus* da inovação individual que, caso seja adotada pela comunidade de fala, convencionaliza novos pareamentos forma-significado, configurando uma mudança linguística.

Para Traugott e Trousdale (*op. cit.*), a esquematicidade tem a ver com generalidade e especificidade, em acordo com a proposta de Tuggy (2007) e Barðdal (2008) para quem o grau de esquematicidade de uma construção se correlaciona à sua capacidade de capturar padrões mais gerais de um conjunto de construções mais específicas. Retomando Goldberg (2006) e Langacker (2008), Traugott et Trousdale (2013, p. 14) afirmam que “esquemas também são frequentemente discutidos (...) em termos de lacuna e da forma como as estruturas simbólicas podem ser agrupadas dentro eles”⁹. Assim, uma construção pode consistir apenas de lacunas abstratas (o esquema bitransitivo [SUB V OBJ OBJ] ou pode conter lacunas e posições preenchidas.

Os níveis hierárquicos – esquema, subesquema, microconstrução – na visão de Traugott e Trousdale, não são representações mentais; “são subpartes do subsistema linguístico que o linguista escolhe para discussão e análise”¹⁰ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013:14); ou seja, uma heurística para a descrição e análise da mudança construcional. Ainda de acordo com os autores, a esquematicidade é gradiente em termos de sua aceitabilidade e hierarquização. Assim, a “boa formação” de uma construção, sua aceitabilidade é matéria de convenção, pode variar com o tempo e pode ajudar a explicar a mudança linguística. É também gradiente em termos das distinções hierárquicas que podem

8 Traugott e Trousdale (*op. cit.*) exemplificam estes três níveis com *may*, uma microconstrução que integra o subesquema *Modal* que, por sua vez, faz parte do esquema *Auxiliar*, em inglês.

9 Schemas are often discussed (...), in terms of slots and how symbolic structures are assembled within them. (2008).

10 “In our view schemas and subschemas are the subparts of the linguistic system that the linguist picks out for discussion and analysis. They are not meant to be mental representations, though nothing prevents there being an overlap between such representations and linguists’ categories” (Traugott & Trousdale 2013: 14)

ser feitas. Por fim, vale ressaltar que, uma vez que os esquemas são abstraídos a partir de muitas microconstruções, eles não podem ser especificados fonologicamente, o mesmo parecendo se aplicar aos subesquemas, no nosso ponto de vista. Só as microconstruções são fonologicamente especificadas.

As distinções brevemente retomadas suscitam discussões interessantes quando aplicadas ao desenvolvimento de **pois** e **pois que**. As evidências empiricamente fundamentadas na análise diacrônica de **pois** e **pois que** indicariam uma possível reconfiguração da rede de conectores causais, motivada pela generalização no uso de **pois** no século XX. Como vimos na seção anterior, **pois** e **pois que** representam duas microconstruções distintas que, ao longo do tempo, se entrecruzaram/competiram por participarem das mesmas redes (tempo e causa). O significativo aumento de frequência de **pois**, principalmente no período moderno, teria concorrido para o desuso da sua concorrente **pois que**.

No entanto, uma outra interpretação seria possível. Para Lehmann (2002), o acréscimo do complementizador **que** para a formação de locuções conjuntivas foi um processo produtivo já na formação das línguas românicas, podendo ser observado ainda no português contemporâneo, como no exemplo de **por causa que**. (cf. MOURA NEVES, 2000, PAIVA, 2001, PAIVA e BRAGA, 2006, ARAÚJO, 2015). Ainda segundo o autor, na maioria dos casos, estas construções implicam a combinação de uma expressão semanticamente especificada seguida de uma oração subordinada. Neste caso, o elemento **que** serve apenas para garantir a natureza subordinada da cláusula seguinte. A partir do momento em que tal relação fica estabelecida, provavelmente pela força da repetição, o elemento **que** pode ser dispensado e o papel de subordinador é transferido para a expressão semanticamente especificada. Tratar-se-ia, portanto, de um processo de reanálise, através do qual, conjunções simples seriam criadas a partir de conjunções complexas. Aplicada ao caso das microconstruções em análises, poderíamos postular que **pois que** antecede **pois**, originada pela supressão do subordinador **que**. Pelo seu aumento de frequência, a microconstrução **pois** se consolida no português como conector explicativo (cf. também FAGARD, 2009). Numa perspectiva da construcionalização, a explicação de Lehmann (op. cit.) poderia ser reinterpretada em termos de existência de um esquema mais geral [X (que)] que licencia a formação de conectores interoracionais em domínios diversos como os de tempo, causa, condição e concessão. Evidências fornecidas por estudos de construções que operam em domínios funcionais como o da concessão (MEDEIROS, inédito) e da comparação (SANTOS, inédito) parecem fortalecer esta explicação¹¹.

A instabilidade da rede de microconstruções causais não é motivada apenas pelo comportamento de **pois** e **pois que**. Ao contrário, parece ser uma propriedade do subesquema das construções conectivas de coordenação e das construções conectivas de subordinação que se caracterizam por um equilíbrio sutil entre conectores que se preservaram ao longo dos séculos (**porque, como**), outros que caíram em desuso (**car, pero, porende, porém**, com aceção causal) e outros que emergiram gradualmente (cf. PAIVA e BRAGA, 2011).

11 Seria plausível supor que a variante **pois que** tenha se originado de um esquema mais abstrato X (que), por um processo de analogização. Vale lembrar todavia, que neste trabalho nos concentramos principalmente no desaparecimento de uma construção.

A caracterização dos subesquemas de construções conectivas causais suscita problemas de natureza diversa, motivados, entre outros aspectos, pelo número relativamente grande de microconstruções capazes de sinalizar esta relação semântico-pragmática e pelo fato de se abrigarem relações semântico-pragmáticas diversas sob o rótulo de relação causal. Numa primeira interpretação, poderíamos dizer que **pois** e **pois que** integram subesquemas diferentes: o das construções conectivas coordenativas de causa (explicação) e o das construções conectivas subordinativas¹², que instanciam um esquema mais geral (conectores interoracionais). O subesquema subordinativo, desde o período arcaico, licenciou um maior número de microconstruções (*perque/porque, por, como, posto que, tanto que, que*) do que o subesquema coordenativo (*pois, pero, porende/porém, car, por isso*), que sofreu mudanças mais perceptíveis: perdeu os conectores *car e pero* e assistiu à migração de *porende/porém* para o subesquema dos conectores contrajuntivos, entre o período arcaico e clássico. Apenas para efeitos de ilustração, comparamos, a seguir, a rede das microconstruções causais nos períodos arcaico e moderno do português. O intervalo entre esses dois períodos parece se caracterizar por relativa estabilidade do subesquema coordenativo e expansão do subesquema subordinativo que incorpora outras microconstruções, tais como *já que, visto, visto que*. Poderíamos pressupor a seguinte organização hierárquica para esses dois pontos do tempo.

Construções conectivas interoracionais											
Construções conectivas de coordenação						Construções conectivas de subordinação					
						Per					
		Porém/	Por			Por	que/		Posto	Tanto	
Pois	Car			Porque	Porquanto	isso	Pois				Por causa
						que	Por	Como			Que
		porende	isso			Que	Por		que	que	de que
							que				

Construções conectivas interoracionais											
Construções conectivas de coordenação						Construções conectivas de subordinação					
											Visto Por
			Por						Posto	Tanto	
Pois				Porquanto		Já	Pois	Por	Por	Visto	
						que	que	que	que	que	Que
		isso							que	que	causa
											que

Estas representações escamoteiam algumas dificuldades. Como mostramos ao longo deste trabalho, **pois** e **pois que** encabeçam orações às quais se podem atribuir leituras de causa pressuposta, de causa/explicação e de conclusão, em se tratando de **pois**. Trata-se de uma polissemia ou de microconstruções distintas? Mereceria cada uma delas um índice ou uma entrada específica na representação esquemática? Se a resposta for negativa como tornar evidente na representação esquemática que **pois** e **pois que** constituem robustos casos de polissemia? Tudo indica, portanto, que a proposição de uma

¹² Esta explicação coloca outros problemas, uma vez que **pois que** é um conector de subordinação e **pois** um conector de coordenação. Neste caso, teríamos que admitir uma mudança que contraria a hipótese de uma cadeia parataxe > hipotaxe > subordinação. (cf., dentre outros, Hopper e Traugott, 2003). A questão é ainda mais instigante se considerarmos que, para propostas como Mendes (2013) Peres e Mascarenhas (2006), Fiéis e Lobo (2009), no português contemporâneo, as orações introduzidas por **pois** constituem um processo paratático de suplementação e não propriamente de coordenação.

hierarquia de esquematicidade pressupõe uma resposta a uma questão prévia e central: qual o estatuto da pluralidade de acepções associadas a uma forma?¹³

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste squib, procuramos refletir sobre algumas questões relativas ao fator esquematicidade, através da análise da evolução das microconstruções causais com **pois** e **pois que**. Mostramos que essas microconstruções competiram entre si, ao longo de muitos séculos, na expressão das relações de tempo, causa pressuposta, explicação. O aumento de frequência token de **pois** e o desuso de **pois que**, associados ao desaparecimento e emergência de novas microconstruções, acarretou rearranjos na rede de construções causais, em especial, a maior produtividade do subesquema das construções conectivas subordinativas. A análise forneceu evidências empíricas para algumas dificuldades na aplicação do fator esquematicidade a construções associadas a uma multiplicidade de contextos de uso.

REFERÊNCIAS

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. (2011). Gramaticalização e gramática de construções: estabilidade e instabilidade no uso de construções causais em tempo real. *Revista Letras & Letras*. v.27, n.1. Uberlândia, Minas Gerais, p. 51-70.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C de. (2012). Estabilidade e instabilidade sistêmica: as orações de tempo sob uma perspectiva diacrônica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, p. 111-133.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. (2010). Cambridge: Cambridge University Press.

BYBEE, J. *Language change*. (2015). Cambridge: Cambridge University Press.

DIESSEL, H (2001). The ordering distribution of main and adverbial clauses: a typological study. *Language* 77, 343–3

FAGARD, B. (2009). Grammaticalisation et renouvellement : conjonctions de cause dans les langues romanes. *Revue romaine de linguistique*, v. 54, n. 2, p. 21-43.

FIÉIS, A.; LOBO, M. (2008). *Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português*. Comunicação. XXIV Encontro Nacional da APL, Braga, Portugal.

GIVÓN, T. (1978). *On understanding grammar*. Boston: Academic Press.

GOLDBERG, A. (2006). *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: University Press.

- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell.
- LABOV, W. (2001). *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell.
- LANGACKER, R. (2008). *Cognitive grammar: an introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- LEHMANN, C. (2002). New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 1-18.
- MEDEIROS, P. T. . *Um estudo diacrônico de entretanto e no entanto*. Exame de qualificação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras, UFRJ. Inédito.
- HOPPER, P; TRAUGOTT, E. C. (2003) *Grammaticalization*. New York: Cambridge University Press.
- LIMA, J. P de. (2002). Grammaticalisation, subjectification and the origin of phatic markers. In: WISCHER, W; DIEWALD, G (eds). *New reflections on grammaticalisation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, p. 363-378.
- MATTOS e SILVA, R, V. (1989). *Estruturas Trecentistas*. Para uma Gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2001). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2. ed, São Paulo: Contexto.
- MENDES, Amália (2013). Organização textual e articulação de orações. In: RAPOSO, E.B. P.; NASCIMENTO, M. F. B. MOTA, M. A. C. da, SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs) *Gramática do Português*, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 1691-1755.
- NEVES, M. H. M. (1999). As Construções Causais. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do Português Falado* v. VII: Novos Estudos. Campinas: Editora da UNICAMP.
- OLIVEIRA, B. A. (2016). *A trajetória da construção 'por causa de': uma análise centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PAIVA, M. C. (1991) *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PAIVA, M. C. (1996). Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO. A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 51-62.

PAIVA, M. C. ; BRAGA, M. L. (2013a). Gramaticalização e especialização funcional: o caso do conector pois. *Diacrítica Braga*, v. 27, p. 197-218.

PAIVA, M. C. A. de; BRAGA, M. L. (2013b). Evolução de pois e pois que no português: uma trajetória de subjetivização. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F da (orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, v. 1, p. 97-112.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. (2010). Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 55-71.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. (2006). Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de por causa de. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 73-86.

PERES, J.; MASCARENHAS, S. (2006). Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics v. 1, n. 5*, p. 113-169.

PEREIRA, M. H.; BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. (PREP) + (DET) + N + (PREP) + QUE. (2010) In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Belo Horizonte: Mercado das Letras, p. 173-200.

SANTOS, C. L. do C. Construcionalização e mudança construcional de *Segundo*. Inédito

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (2013). *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. (2006 [1968]). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola.

Recebido em 01/10/2016

Aceito em 15/11/2016